
**PARQUE DA CRIANÇA: USOS DO ESPAÇO
CAMPINA GRANDE 1993-2010**

Jean François de Figueiredo Sirino¹
Universidade Federal de Campina Grande
jamagistrado@yahoo.com.br

Dezenove de dezembro de 2009. Numa tarde de sábado! Nos brinquedos, crianças seguiam a lógica, outras reinventavam novos sentidos. O balanço, originalmente feito para ser usado pelas crianças sentadas neles, não raramente, estas ficava em pé; os escorregos também tiveram seu sentido alterado, transformaram-se em subida, porque ao invés de descer pelos escorregos e subir pela escada, elas descem e sobem pela rampa; a rampa de skate é tomada por jovens de aparência entre 10 a 15 anos de idade, brincavam a escorregar com pedaços de papelão, usados para ajudar a deslizar, transformando a rampa num escorrego gigante; também se podiam avistar jovens andando de bicicletas, cruzando em ziq-zaq os outros, num balé de misturas desorganizadas, porém com fluidez.

Essa passagem além de mostrar os usos que os sujeitos fazem, também serve para introduzir o tema a ser trabalhado neste texto, qual seja pensar a questão dos usos do espaço do parque da criança por seus vários sujeitos.

Esse exemplo mostra de forma simplória a imprevisibilidade dos usos do espaço que podem ser feitos pelos vários sujeitos. Mesmo sabendo que é proibido o uso desses brinquedos, mesmo tendo seguranças atentos a condutas dos freqüentadores, mesmo assim, prevaleceu neste caso à vontade do sujeito em seus usos do espaço, alguns com o consentimento dos pais ou responsáveis que longe ou de perto os vigiam, acomodados nos quiosque, outros nos bancos e alguns na grama à sombra de uma árvore.

O motivo da escolha do Parque da Criança para este estudo se deve, sobretudo, à grande oportunidade de encontro ocasionada pela diversidade de atrativos e pelo denso número de freqüentadores naquele espaço, principalmente nos finais de semana e feriados. Entendemos que as formas de aglomeração, como as que puderam ser observadas, estão diretamente ligadas à questão da urbanidade², no tocante a infraestrutura e a valorização do uso do espaço público, capazes de articular o sujeito ao espaço, numa relação rica e dotada de sentido aos cotidianos na cidade, visto que são

inúmeras as possibilidades de experiências e usos do mesmo espaço por um elevado número de sujeitos. E, é claro, por significar mais uma contribuição à historiografia.

Durante a pesquisa pretendemos mostrar como surgiu o parque da criança; quais os interesses envolvidos em sua construção; como esse novo espaço no cenário da cidade foi recebido; como ele é utilizado.

Entre nossas fontes, a oralidade será utilizada como ferramenta que nos possibilitar a visibilidade as sensibilidades dos frequentadores do parque e as histórias, até então, não dizíveis. Alguns nos possibilitaram acessar uma história que privilegia os acontecimentos por meio de práticas políticas; outros um olhar de quem frequenta assiduamente, como também representa uma das faixas etárias que usam o espaço do parque da criança; houve os que forneceram informações de caráter mais técnico, estrutural e os que fomentam uma discussão mais psíquica.

Para tanto, enveredamos por uma caminhada que predispõem um diálogo interdisciplinar e que exige uma pesquisa descritiva e de métodos antropológicos, o que nos possibilitou um aprofundamento ao cerne da vida cotidiana do espaço do parque por seus usuários, onde ventos múltiplos sopraram sobre a pesquisa suas possibilidades.

Por meio da história cultural e dialogando com estudos antropológicos, nos foi possível desenvolver uma pesquisa que traz a luz os usos e as práticas cotidianas dos vários sujeitos sociais que frequentam o parque e/ou que dele fazem uso. Esta escolha deu-se devido a pertinência de um olhar microscópico(GEERTZ,1989) nas ações do cotidiano. Além disso, uma vez que o caráter interpretativo deste tipo de pesquisa auxilia na compreensão dos significados e no caminho percorrido até a relação necessidade/estratégia, foi possível perceber como se estabeleciam os usos nas atividades cotidianas, na composição de uma realidade prático-sensível (LEFEBVRE apud NUNES JR.; AMARAL, 2009).

Para da conta das indagações acima, tivemos que realizar um trabalho que incluiu visitas ao parque, em horários e dias distintos como forma de ampliar o horizonte de conhecimento sobre os usos que os vários sujeitos fazem sobre o espaço. Captação de informações sobre o parque desde sua fundação, e a realização de entrevista que nos possibilitou acessar informações as quais não encontraremos em textos escritos.

A pesquisa de Campo constou de 6(seis) visitas ao parque da criança, sendo as quatro primeiras destinadas, simplesmente a observar os frequentadores em suas relações com o espaço do parque; descrição atenta dos locais físicos. As duas últimas foram destinadas às entrevistas e conversas com os frequentadores. Foram realizadas um total de 4(quatro) entrevistas, dentro e fora do parque, entrevistas que foram gravadas e transcritas. Em relação às conversas com os usuários, indagamos a 12(doze) pessoas que estavam sentadas sobre o que estavam fazendo. Destas, 5³ (cinco) simplesmente disseram que estavam a passar o tempo, indagadas se esperavam alguém, a resposta foi não, as demais responderam que esperavam por alguém.

O Parque da Criança, localizado no açude velho, na cidade de Campina Grande⁴, cuja inauguração se deu em 12 de novembro de 1993, é um dos poucos pontos da cidade que ainda possuem área verde para lazer, com uma área total de 6700 m².

Um dos principais atrativos do parque é a pista que apresenta 1(um) quilômetro de comprimento para caminhada, apresentando também rampa para skate, escorregos, balanços, campos de futebol, quadras de vôlei, e outros atrativos para crianças(Souza Jr., 2010).⁵

Sua construção deu-se no lugar onde antes era o antigo curtume da cidade, restando da construção original apenas o pórtico, localizado na entrada do parque e a torre do antigo curtume. Como nos fala seu Walter:⁶

O parque da criança é o local em que se situava um dos maiores curtumes da região, esse curtume tinha o comando da família Mota que nas décadas de 40,50, e 60 dominavam praticamente, hegemonicamente, o comércio de couros em toda região(...).O parque da criança, especificamente, como nós estamos falando, vinculando diretamente aquele espaço físico na cidade nasceu da idéia de um governante na cidade muito conhecido em todo o estado da Paraíba, chamado Ronaldo Cunha Lima(...).ganhada as eleições uma das promessas, umas das propostas de campanha era transformar toda aquela área que se situa hoje o parque da criança, bem como, toda a área em que se situava os chamados coqueiros de José Rodrigues em parque do povo e parque da criança, conseqüentemente, após longa negociação, foi feito todo o processo de desapropriação que consistiu no instrumento legal para a aquisição daquele setor pelo poder público, e a partir daí foi idealizado por arquitetos que já tinha é, dado as idéias anteriormente como arquitetos como Renato Azevedo já falecido também, é, e tantos outros que puderam atuar naquele processo, e foi idealizado a obra, indenizado todos quantos se situavam no local.

Dando continuidade ao dialogo com o informante em questão, podemos dizer que a escolha do mesmo foi ocasionada pelo fato dele nos possibilita acessar uma história sobre a construção do Parque da Criança até então pouca conhecida. Uma história que

privilegia um olhar sobre esse espaço a partir de uma visão que toma como critérios os tramites políticos para sua existência. Seu Silva tem o Parque da Criança como um espaço que, além de servir como ambiente de lazer para a população de Campina Grande, também é reflexo de toda uma negociata política que envolveu nomes importantes da cidade.

O parque da criança, em sua percepção, além de representar negociatas políticas, também tem forte interesse para os envolvidos em sua construção, uma necessidade para se fazer presente na história da cidade e na memória da população. Observamos o que nos fala seu Walter:

“apenas como algumas exigências por parte da família Mota que tinha o comando do curtume que se situava naquela área, era que fosse preservado para efeito de memória o portal de entrada do curtume, eu até faço uma referencia por que é digno que se seja fotografado, pois ali está o retrato da memória do que era aquele setor, bem como o forno de cozimento, aquele forno de cozimento que tinha uma chaminé que lá ainda hoje se encontra e que tem toda a simbologia de um período áureo do comércio de couro na cidade. Então, a família Mota evidentemente após ter feito a negociação liberou e as obras foram iniciadas e concluídas e hoje é um ponto de grande, de grande efervescência, principalmente nos finais de semana, onde a criançada lá se diverte com campo de futebol, com pista de corrida com, em fim, com todo o aparato, todos os equipamentos necessários para a diversão da, dos “new kits”.

Podemos comparar a fala do informante no que diz respeito às intenções da família Mota e dos idealizadores do parque em se fazerem presente na história e memória da cidade, com o que está inscrito na placa de inauguração presente na entrada do parque. Nela podemos constatar um pouco dos que nos falou Silva.

Para Walter, o Parque da Criança também representaria um espaço de progresso da cidade, como foi o Açude Velho, ou seja, o Parque da Criança, além de atender a interesses político, seria uma construção que mudaria a paisagem urbana de Campina Grande. Uma construção moderna, seguindo uma tendência nacional de elaborações de espaços verdes destinados a população, dentro dos grandes centros comerciais. Essa construção serviria para mostrar que a cidade ainda continua viva e economicamente ativa e, por que não dizer, pioneira na Paraíba por possuir um espaço público destinado ao lazer das famílias, seguindo a tendência das grandes metrópoles brasileiras como, por exemplo, São Paulo com o Parque do Ibirapuera(NUNES JR.;AMARAL, 2009)

Cotidiano, Apropriação e uso do Espaço

Hoje em dia o parque da criança é marcado por inúmeras atividades, usos e apropriações por parte de seus freqüentadores, dos poderes públicos e privados que utilizam seu espaço para realizações sociais, esportivos e lazer.

Levando em conta que a temática do cotidiano tem aparecido com freqüência nas pesquisas e nos estudos da educação e das ciências humanas em geral. Seu estudo é central quando se discute a cidade e seus andarilhos silenciosos, principalmente quando se pontuam espaços bem definidos como os destinados ao lazer. Nessa perspectiva, os usos e apropriações constituem estes espaços em seus fluxos, horários, tipos de atividade e características únicas.

Pensar o cotidiano é erguê-lo a condição de espaço e tempo privilegiado de produção da existência e dos conhecimentos, crenças e valores que a ele dão sentido e direção.

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia(ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”[...] “É uma história a caminho de nós mesmo, quase em retirada, às vezes velada”.(CERTEAU, 1994, p. 31).

Certeau ao narrar práticas comuns, as artes de fazer dos praticantes, as operações astuciosas e clandestinas, nos mostra que o “homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizadas” escapando silenciosamente a essa conformação imposta pela racionalidade técnica que busca organizar pessoas e coisas, atribuindo-lhes um lugar, um papel e produtos a consumir. “Essa invenção do cotidiano se dá graças às “artes de fazer”, “astúcias sutis”, táticas de resistências” que vão alterando os objetos e os códigos e, estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizar, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de consumo, esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1999, p.39).

Em um segundo momento de nossa pesquisa de campo e tendo como referencial o que nos diz a citação acima, observamos que os freqüentadores do parque são em sua maioria adolescentes que fazem usos dos vários espaços(quadra de vôlei, futebol areia, basquete e áreas verdes) de forma distintas. Já as pessoas mais velhas preferem usar as

pistas de caminhada. Algumas caminham, outras correm, as vezes acompanhadas pelo companheiro(a), com amigos, com os filhos. Em suas atividades, algumas levam aparelhos eletrônicos como MP4, celulares ou medidores cardíacos.

Para Tomáz⁷, freqüentador assíduo, o espaço do parque é freqüentado mais por sujeitos idosos do que por jovens. Vejamos trechos de sua fala:

“sempre a maioria do parque e gente mais idosos, tem também uma parte de jovem, mas a gente ver mesmo, que é porque o idoso ali dentro de sente mais seguro. Por isso eu acho que ele procura mais o parque, nem que seja um pouco distante de sua casa, mas aí ele se desloca porque sabe que chegando ali ta num local muito privilegiado de Campina Grande”.

Levando em consideração as observações de nossa pesquisa com as do entrevistado acima, constatamos que embora estejamos nos referindo ao mesmo espaço, “Parque da Criança”, as percepções, as apropriações são distintas. Para nós existe a predominância de jovens, já para Tomáz predomina os freqüentadores de mais idade, ou seja, mesmo estando falando do mesmo lugar, observarmos que a forma que ele ver o espaço do parque se diferencia da nossa, sua representação é outra, pois esta depende de cada sujeito. O significado dependerá de quem/de como está sendo usando. O espaço só ganha sentido quando os inúmeros agentes comuns se apropriam, fazem usos vários, ou seja, o espaço é o resultado das apropriações que são feitas em um determinado lugar, num dado intervalo de tempo, em outras palavras é um lugar praticado(CERTEAU, 1994), contendo diferentes significados, de acordo com a relação estabelecida entre ele e seu usuário. Podemos dizer que sujeito e espaço representam uma unidade construída historicamente, e que trazem em si a possibilidade de transformação da realidade num determinado tempo histórico.

Por outro lado, sua percepção pode está ligada ao horário que o mesmo freqüenta o parque. Tomáz pode está falando a partir de quem usa o espaço durante o horário da manhã, mas especificamente das 6 às 7h, nesse período existe uma predominância dos idosos que usufruem dos serviços oferecidos pelo parque, como assistência médica e orientação física,⁸ logo, ela passa a pensar o espaço estendo essa situação para os demais horários. Por outro lado, por meio de nossa pesquisa percebemos que a questão é mais abrangente, não procuramos focalizar apenas um determinado horário, mas sim seu todo. Por isso, levantamos a afirmação de que a predominância é dos jovens, tendo como base

para tal nossa pesquisa de campo composta por visitas ao parque em momentos distintos.

Após análise de sua entrevista, percebemos que ele vê o parque como lugar que tem como “função” o “bem estar” da população, e através de sua fala, ao narrar os motivos que o levou a frequentar o parque, acaba servindo como explicação para a forma que ele se relaciona com o espaço. Tudo começou quando seu médico o aconselhou a fazer caminhada como forma de evitar problemas de saúde, por isso, sua apropriação do espaço se dá tendo como ferramenta propulsora o discurso médico e a necessidade em buscar um bem estar maior. Para Tomaz, o parque da criança é entendido como um espaço privilegiado por possibilitar a população um ambiente seguro em meio a um centro urbano moderno, intenso, como é o caso de Campina Grande. Um espaço que é associado mais a saúde do que ao lazer pelo lazer.

Em sua narração nos fala que alguns jovens quando estão usando o espaço do campo de areia, jogando futebol, acabam às vezes atrapalhando ou comprometendo as pessoas que realizam caminhadas, ao chutarem a bola com muita força, fazendo com que ultrapassem a área reservada ao jogo, provocando o risco de bater nas pessoas que passam por perto durante seus exercícios. Ao chamar a atenção para esse fato, parece que o entrevistado considera o futebol dos jovens menos importante do que o uso destinado à saúde dos idosos, ou seja, o entrevistado privilegia mais a atividade da caminhada em prol da saúde do que o exercício esportivo. É como se o esporte servisse apenas para uma satisfação pessoal, considerando que o esporte também é um exercício para a saúde, mas por não ser uma orientação direta do médico, sua prática pelos jovens perde importância, se restringindo apenas ao lazer, em contrapartida, as atividades de orientação direta do médico ganham importância maior, tendo predominância em relação ao esporte.

A grama também tem seu significado, servindo para os enamorados que juntos se abraçam, se tocam, conversam e/ou namoram, beijam-se, alguns discretamente, outros mais ousados. Nesses momentos de deleites, ela(a grama) se torna espaço romântico, onde os rapazes gostam de levar a cabeça ao colo da amada que de forma delicada passa as pontas dos dedos entre seus cabelos ou massageia suas costas. Entretanto, a grama não é apenas para os apaixonados, serve para as brincadeiras entre pais e filhos, para as

conversas entre amigos, para os que jogam capoeira, para realizar piquenique e para quem espera o término das brincadeiras das crianças.

Saindo da grama e indo para os bancos do parque, se observa as pessoas em momentos distintos. Algumas pessoas apenas usam o banco para descansar das caminhadas, outros para conversarem, outras esperam as crianças terminarem de brincar e tem os que utilizam para “pensar na vida”.

Dentre os dozes freqüentadores que abordamos sobre o que estavam a fazer, Pedro⁹ foi o único que se mostrou mais receptivo a falar sobre suas experiências no parque.

Vejamos o que nos fala Pedro (2009):

Venho ao Parque da Criança sempre que estou sem ter o que fazer e, ou, quando tem coragem. Gosto de ver as pessoas, sempre levo algo para comer, pois as vezes tenho fome(...) em media fico por lá 1h, 1h e 30min, vai depender do dia(...) faz uns 4 anos, desde que meu pai morreu.Mas é isso aí, nada de mais. Apenas gosto de vim para cá, é bem verde e agradável.

Não é difícil encontrar pessoas como Pedro, que não estão à espera de ninguém, que não estão a descansar e muito menos a conversar com amigos, mas simplesmente estão lá para ter um momento consigo mesmo, vendo o tempo passar, assistindo a vida de outros, presenciando o lazer ou atividade física dos outros.

Esse fato nos leva a pensar que o mesmo espaço planejado para a diversão, também pode ser o da reflexão, da solidão, do desconforto do outro. Logo, vemos que o espaço pensado para a felicidade, distração e lazer das famílias também é outro, o da solidão ou da busca pelo fim dela, o da amizade, de namoro, da chegada de Papai Noel entre outros.

A cada fase da pesquisa de campo percebemos as maneiras pelas quais os sujeitos construíam o Parque da Criança: pelos horários, pelos tipos de atividades, pela faixa etária dos freqüentadores, pela freqüência de visitas, etc. Endossando essa idéia, vemos o que diz Rechia(2007, p 102). “*As formas de apropriação, os usos cotidianos e as maneiras de freqüentar um lugar é que dão significado aos espaços*”(RECHIA, 2007).

Considerações Finais

Embora a construção do parque em 1993 tivesse como interesse possibilitar um espaço verde para lazer dos habitantes de Campina Grande, buscando atender os mais diferentes interesses pelas diversas atividades oferecidas, não podemos dizer que é garantida seus usos, pois, só depois é que sua construção ganhou sentido através dos usos que os sujeitos fizeram do mesmo, na proporção em que os sujeitos foram fazendo usos de seu espaço das mais variadas formas. Isto permite afirmar que o debate em torno da apropriação deve levar em conta que esta é uma categoria essencialmente relacional(SMOLKA, 2000), daí sua ligação imediata com o conceito de espaço tomado como conjunto de elementos materiais e imateriais(SANTOS, 1996).

Vejamos algumas reflexões acerca do cotidiano e da apropriação do espaço, pautadas no trabalho de campo.

Para Codina(apud NUNES JR.; AMARAL, 2009) a apropriação do espaço trata-se de “El sentimiento de posser y gestionar um espaço, independientemente de su propiedad legal, por uso habitual o por identificación”(CODINA apud NUNES JR.; AMARAL, 2009). Este entendimento de apropriação permite uma ligação com o conceito de topofilia sustentado por Tuan((apud NUNES JR.; AMARAL,2009), o qual diz que “há um elo afetivo entre a pessoa e o lugar mantidos através de experiência e percepções significativas”. Neste caminho, ainda é possível ponderar que inevitavelmente estamos ligados ao lugar pelas lembranças, por uma série de interlocuções que passam pelo nível afetivo.Para Smolka (2000, p.4),

O termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu, também tornar adequado, pertinente aos valores e normas socialmente estabelecidos. Mas há ainda outro significado(...), relacionado a noção elaborada por Marx e Engels, na qual o tornar próprio implica “fazer e usar instrumentos” numa transformação recíproca de sujeitos e objetos, constituindo modos particulares de trabalhar.

Seguindo essa abordagem nos fala De Pellegrin(1999), que quanto mais próximos nos colocamos das possibilidades de apropriação do espaço, mais sentido vemos nas informações dadas e na ressignificação dos mesmo, logo, o Parque da Criança é também uma construção que ultrapassa suas construções de tijolos¹⁰, em seus espaços: pista, brinquedos, grama, quadras, bancos etc., onde os freqüentadores constrói suas sensibilidades, representando suportes diferentes de significados, cenários múltiplos.

Esse(a)s autores nos ajudam a cercar o objeto desta pesquisa, qual seja entender os usos que os sujeitos fazem de alguns espaços do Parque da Criança por meio do lazer e como essa relação criar uma perspectiva diferenciada na relação sujeito/espaço urbano.

No movimento de desenvolvimento da pesquisa, optamos por fazer uma caminhada pela cidade¹, olhando aquilo que antes era invisível a nossos olhos na cidade. Nosso caminhar é acompanhado o tempo todo por uma realidade que é construída diariamente segundo as técnicas e astúcias do sujeito comum no espaço das cidades. Pois, cotidianamente a realidade se constrói pelos braços desses sujeitos, ora a níveis mais sombrios, ora a níveis mais leves. Tendo em mente que, o que se leva é a certeza do ato praticado, na busca da transformação pelas astúcias de suas ações.

Várias são as possibilidades de uso existente no espaço do Parque da Criança, desde sua criação, o mesmo está sendo palco de apropriações, ressignificações, que a cada dia transformam seu espaço, dando-lhe novos sentidos e sabores. Para alguns é reduto de saúde; ambiente para idosos, para outros espaço de lazer; de caminhada; de esporte; de namorar, e também como “remédio” para a solidão. Isto o torna um espaço múltiplo, de infinitas possibilidades de uso, onde cada sujeito toma-o a sua maneira, produz nele seu sabor, seus sentidos, dando uma cor característica e individual, vista por quem nele pincela.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina. Atualmente desenvolve pesquisa no campo da Religiosidade Popular.

² JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

³ Neste caso, optamos por não fazer entrevista propriamente ditas com essas pessoas, simplesmente após observamos seu comportamento, resolvemos perguntar o que estavam a fazer. A única exceção foi Nascimento, conforme descrevemos abaixo.

⁴ Segunda maior cidade do Estado, localizada à 120km² de João Pessoa, capital da Paraíba.

⁵ José de Souza Junior, Diretor Secretário do Parque da Criança aproximadamente a 1(um) anos, porém, trabalha no parque a mais de 9(nove) anos,. Tem 30 anos de idade, solteiro, morador da cidade de Campina Grande. Entrevista concedida dia 20/02/2010.

⁶ Walter Luiz Granjeiro da Silva, Eng. Civil e Advogado, 60 anos de idade, casado, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 20/02/2010.

⁷ Antonio Tomáz dos Santos, dia 19/02/2010, professor aposentado da UFCG, casado, 68 anos de idade, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 19/02/2010.

⁸ Informações fornecidas tanto por Tomaz, como por Sousa Junior, se referindo ao programa Campina bem Estar. Organizado pela Prefeitura que oferece diariamente, a partir de 5h e 40min. da manhã para o público freqüentador do parque, em especial, os de mais idade, serviços de acompanhamento médicos e físicos.

⁹ Pedro Antonio dos Nascimento, 28 anos, solteiro, vendedor, com Ensino médio completo, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 19/02/2010.

¹⁰ BRESCIANI, Maria Stela. As setes portas da cidade.

¹¹ CERTEAU, M. A invenção do Cotidiano(1. artes do fazer). Tradução Ephraim ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

Referências:

BRESCIANI, Maria Stela. **As setes portas da cidade**: Seminário de História Urbana – ANPHUR. Salvador, 1990.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. 1. artes do fazer. 15. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEL PELLEGRIN, A. **Os contrastes do ambiente urbano**: espaço vazio e espaço de lazer. Dissertação de mestrado. Universidade estadual de Campinas. Campinas, 1999

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 1989.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES JR e AMARAL. P.C e S.C. **Cotidiano e Apropriação do Espaço**: notas sobre o Parque do Ibirapuera. 2009. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br>. Acesso em 11/11/2009.

RECHIA, S. **Curitiba cidade jardim**: a relação entre espaços públicos e natureza no âmbito das experiências do lazer e do esporte. Revista Brasileira de Ciências do esporte. Campinas, 2007, v. 28 n.3, p. 89-108.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SMOLKA, A.L.B. **O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais**. Caderno Cedes, v.20, n.50, campinas, abril/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 20/02/2010.

Fontes:

1. José de Souza Junior, Diretor Secretário do Parque da Criança aproximadamente a 1 ano, entretanto, trabalha no parque a mais de 9(nove) anos. Tem 30 anos, morador da cidade de Campina Grande. Entrevista concedida dia 20/02/2010.

2. Walter Luiz Granjeiro da Silva, Eng. Civil e Advogado, 60 anos de idade, casado, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 20/02/2010.

3. Antonio Tomáz dos Santos, dia 19/02/2010, professor aposentado da UFCG, casado, 68 anos de idade, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 19/02/2010.

4. Pedro Antonio dos Nascimento, dia 19/02/2010, 28 anos solteiro, vendedor, com Ensino médio completo, morador de Campina Grande. Entrevista concedida dia 19/02/2010.